

MONASTERIUM E ECCLESIA DE S. SALVADOR NO MONTE DO MOSTEIRO (MÉRTOLA)

M. Justino Maciel – João Paulo Martins

Pretende-se dar notícia da existência de uma estrutura com grande interesse para a percepção de comportamentos de continuidade arquitectónica da Antiguidade Tardia para a época medieval: a *ecclesia* e *monasterium* de São Salvador, no Monte do Mosteiro, Concelho de Mértola. Localizada por Cláudio Torres, que nos motivou para o seu estudo, esta estrutura, apesar das alterações sofridas ao longo do tempo, guarda sinais inconfundíveis do período anterior ao domínio muçulmano.

Tendo-se verificado recentemente a destruição da necrópole que lhe estava junta, bem como de pavimentos em *opus tessellatum* nos espaços anexos, e perante as indefinições quanto ao futuro deste monumento, apresenta-se publicamente um primeiro levantamento arquitectónico e fotográfico da *ecclesia* e seus anexos mais próximos, juntamente com um relato de algumas das notícias históricas que nos foi possível recolher até ao presente sobre o *Monasterium* que aqui existiu, junto ao passo da Ribeira do Terges e da Via Romana que ligava *Myrtilis* a *Pax Iulia*.

O texto mais antigo que localizámos até agora data de 1644, e diz o seguinte:

Pouco mais de tres legoas da Villa de Mertola, pera a parte de S. Barão no meyo de hua charneca de grandes matos, esta hua igreja de S. Salvador chamada vulgarmente o Mosteyro. Porque dizem os naturaes, que antes da entrada dos Mouros ouve aqui Mosteyro de sumptuosos edificios, dos quais ainda oje permanece algua parte inteira. E que o Mosteyro fosse Benedictino, mostra primeiramente verse no altar da dita Igreja, a imagem de S. Salvador vestida de negro que denota ser de algum santo Monge deste nome, & de nosso santo habito¹.

1. FREI LEÃO DE S. TOMÁS, 1974. *Benedictina Lusitana*, Coimbra, 1644 (Reed. fac-similada e anotada por J. Mattoso), Lisboa, pp. 438-439.

Em 1758, o Pároco de Mértola informa:

Dentro desta freguezia sam seis Eremidas mais duas do Salvador; hua na distância de quatro legoas chamado monte do Mosteiro, q. há notícia, muitos indícios de ter sido Mosteiro de religiosos; e outra na Corte de Sinnes.²

Perto da dita ribeira de Terges nesta minha freguezia e referida Eremida do S. to Salvador com indícios de ter sido Mosteiro, de que ainda o monte tem o nome...³

Em 1875, regista-se o seguinte:

A distância de 10 kilómetros de Mértola existiu um grande mosteiro, beneditino, duplex, fundado por S. Salvador, natural de Panoyas (Traz-os-Montes), no ano de 630. No meio de uma charneca está ainda a igreja, chamada de S. Salvador do Mosteiro.

Ainda em 1847, se viam allí umas paredes desmanteladas, ruínas do mosteiro. É provável que ainda existam.

Foi destruído pelos mouros, comandados pelo feroz Al-Mançor, rei de Córdoba, no séc. x, de Jesus Cristo. O mesmo fez então ao Mosteiro também beneditino de S. Domingos de Cambos, a uns 15 kilómetros a O. d'este.

Os mouros assassinaram todos os monges e monjas d'estes dois conventos (que ambos eram dobrados).⁴

Destes três textos recolhemos as seguintes importantes informações:

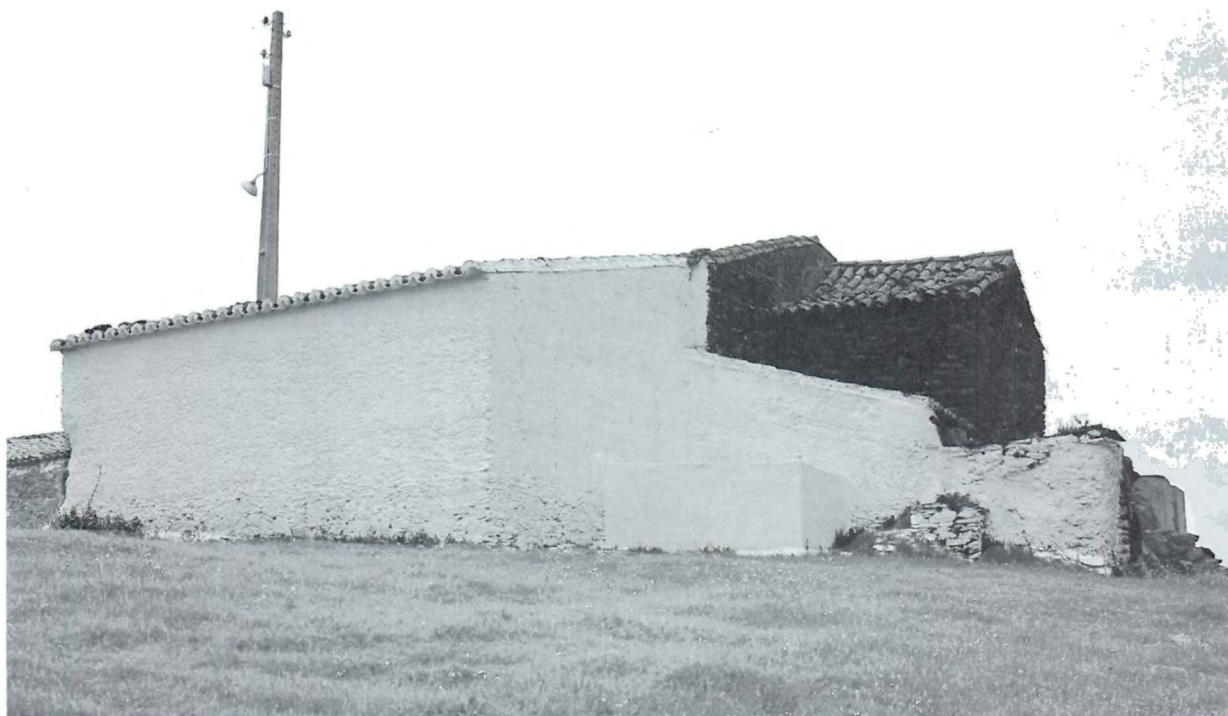
1. A igreja do Mosteiro ainda estava ao culto no séc. xvii, tendo no altar uma imagem de S. Salvador.

2. A dedicação do mosteiro e respectiva igreja ao Salvador ou a S. Salvador é indício de origem pré-islâmica, ideia que é reforçada pelo facto de existir um *monasterium* rural em local isolado,

2. *Memórias Paroquiais*, Vol. 23, p. 806 (Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

3. *Memórias Paroquiais*, Vol. 23, p. 810 (Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

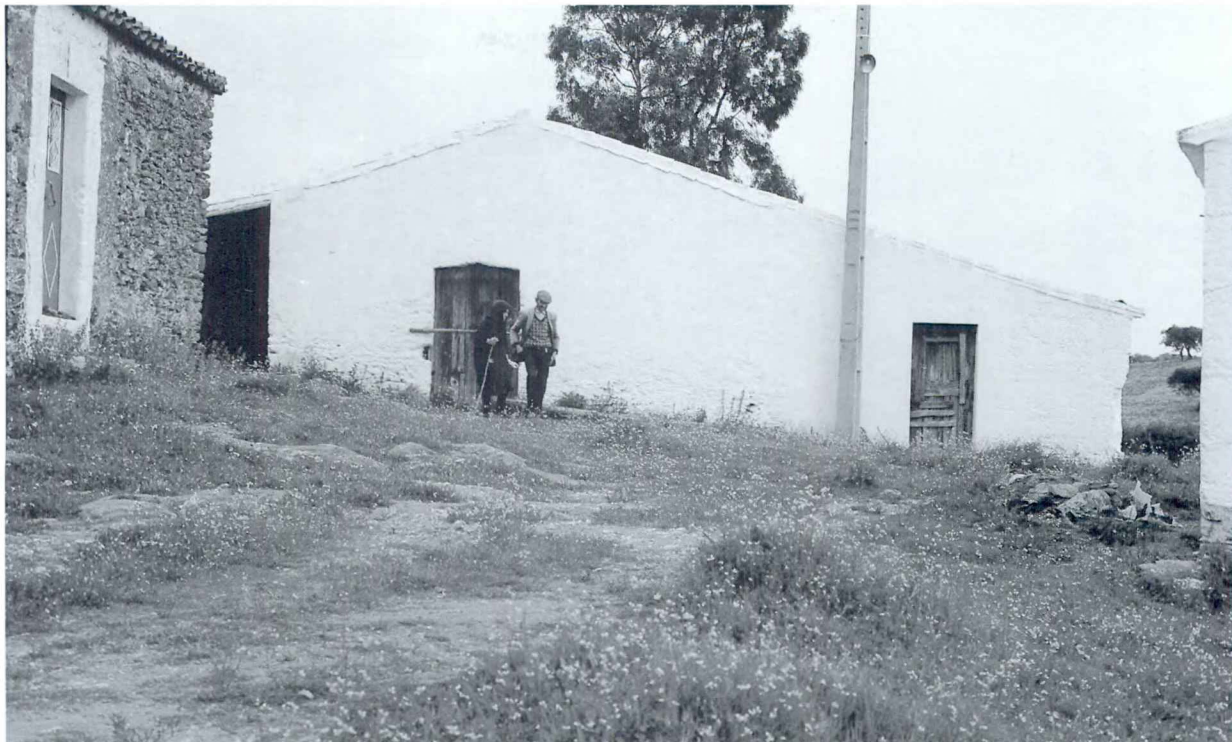
4. PINHO LEAL, 1875. *Portugal Antigo e Moderno*, V, Lisboa, p. 192.



1. Monte do Mosteiro (Mértola). Conjunto de igreja e anexos, com destaque para a cabeceira.



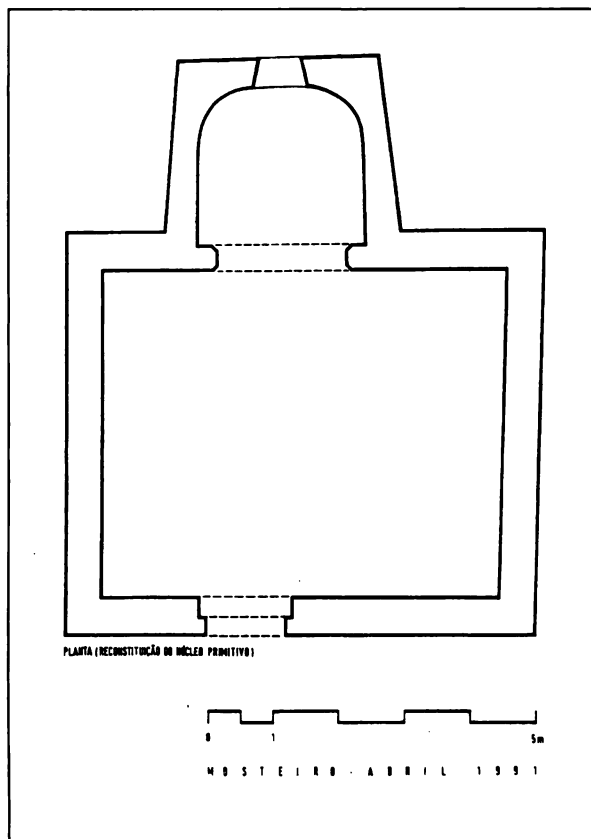
2. Monte do Mosteiro (Mértola). Cabeceira da igreja.



3. Monte do Mosteiro (Mértola). Actual frente da igreja e anexos.



4. Monte do Mosteiro (Mértola). Interior da igreja.



5. Monte de Mosteiro. Planta da igreja.

junto ao passo da Ribeira do Terges e à Via Romana.

3. A origem pré-islâmica deste *monasterium* parece ser uma certeza reforçada pela tradição escrita.

São vários os elementos arquitectónicos e arqueológicos das épocas romana tardia, suévica ou visigótica que aí se encontram, além de se verificar uma significativa unidade arquitectónica do conjunto do Monte. Se aqueles elementos surgem dispersos e reutilizados, a unidade arquitectónica do conjunto faz suspeitar seriamente da sobrevivência da *uilla*, organizada em função de vários pátios, no *Monasterium* e, posteriormente, no Monte do Mosteiro.

A próxima etapa de estudo deste conjunto passará por um levantamento arquitectónico da parte residencial, já que agora se apresenta o da igreja e seus anexos. Serão depois necessárias escavações, pelo menos em alguns pontos, nomeadamente onde a memória local refere a existência de mosaicos.

A parte residencial do Monte encontra-se axialmente disposta no sentido E-W e exposta a

Sul. O seu lado Norte tem apenas uma pequena janela e revela uma fábrica em *opus craticium* ou taipa de máxima dureza, actualmente sem reboco.

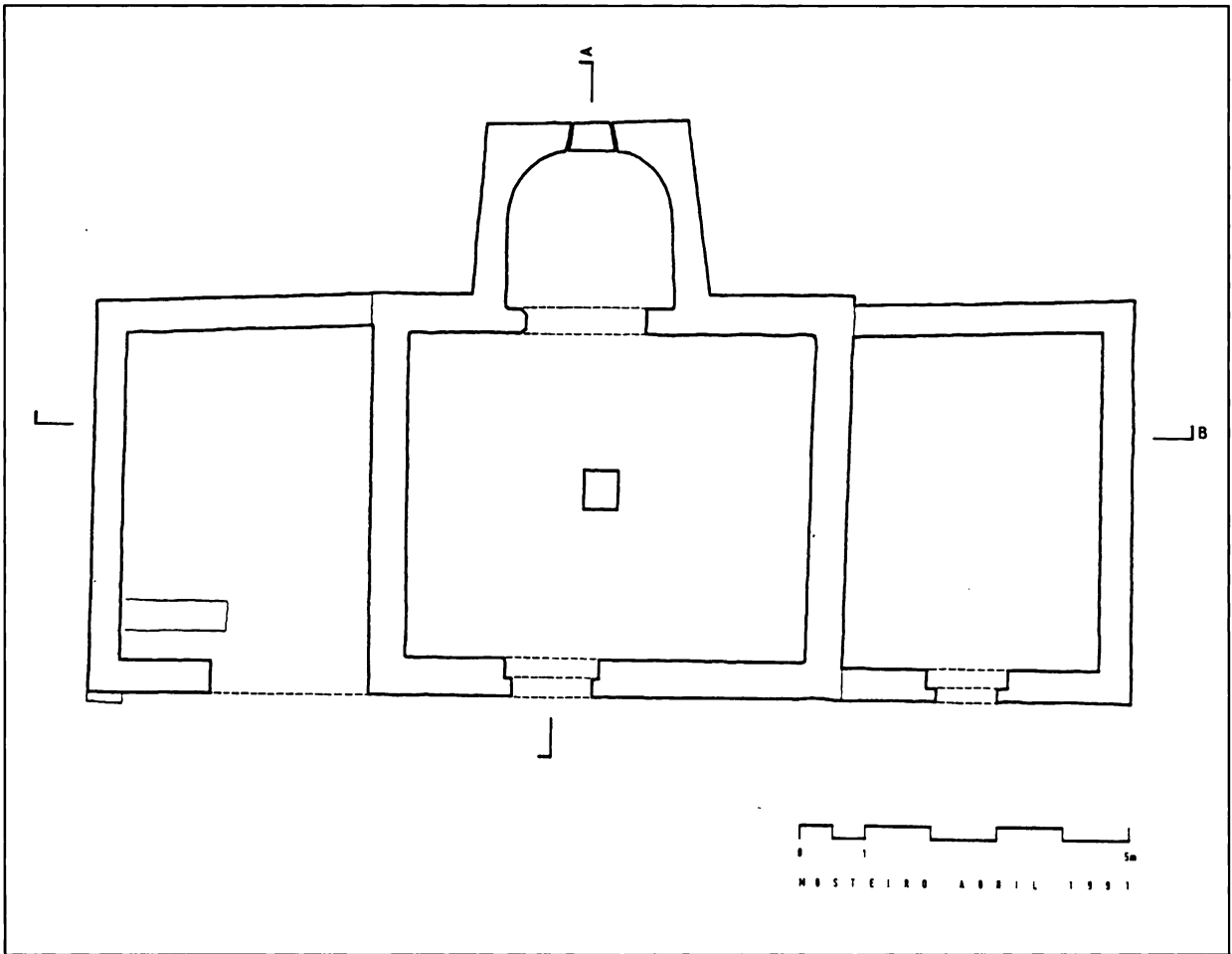
No que respeita à *ecclesia* propriamente dita, ela encontra-se ligeiramente destacada da parte residencial, mas constitui um todo com ela, quer em planimetria quer em altimetria. Perfeitamente orientada no sentido E, também neste ponto revela a sua perfeita integração no conjunto construído.

A antiga *ecclesia* encontra-se hoje em muito mau estado de conservação, para o que terá em grande parte contribuído o facto de ter estado destelhada durante anos. A situação de abandono levou a que o seu espaço fosse progressivamente aproveitado para guardar animais e utensílios agrícolas. Recentemente, foi de novo retelhada e transformada em palheiro. O seu reboco interior parece recente. Mais antigo é o do interior de cabeceira, que guarda ainda, junto ao arco que a separa do espaço rectangular, restos da abóbada constituídos por placas de xisto e *mortarium* de areia e cal.

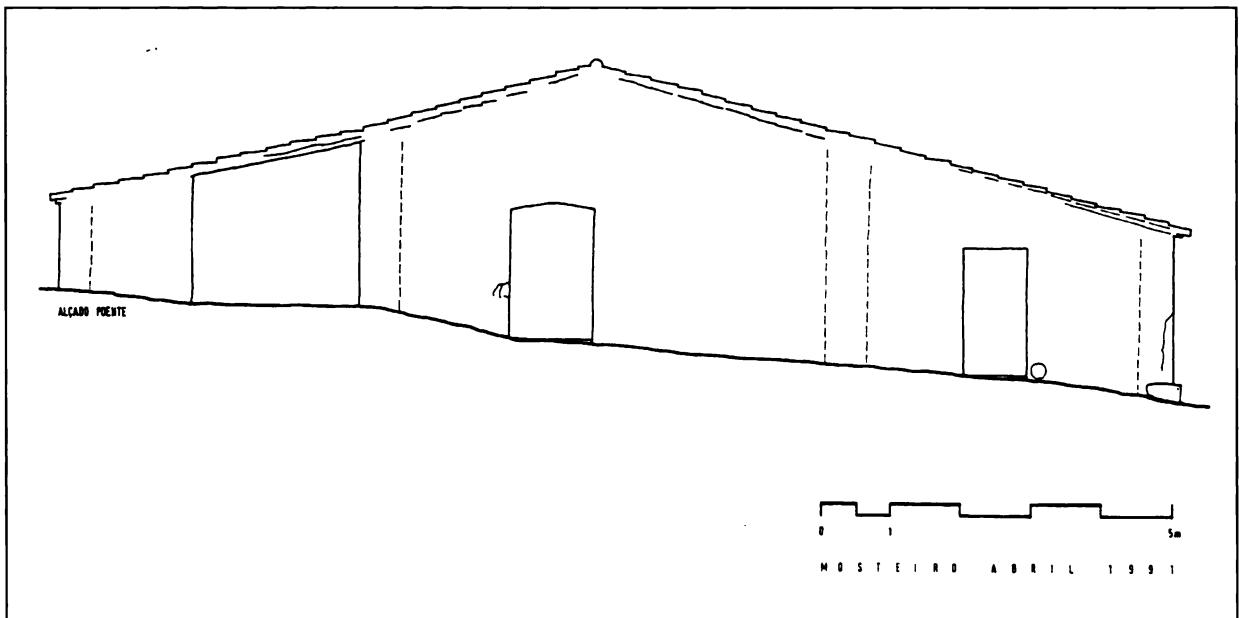
O solo actual do espaço rectangular encontra-se empedrado. No centro deste espaço eleva-se um pilar de sustento do telhado, pilar que não parece estruturalmente necessário, dadas as reduzidas dimensões e fáceis apoios do *culmen*. Verifica-se, por outro lado, um descentramento da cabeceira em relação ao rectângulo transversal e o mesmo sucede com a porta que lhe dá acesso. O vão que permitia a iluminação da cabeceira encontra-se actualmente tapado com pedras de xisto e restos de decoração arquitectónica em mármore de Trigaches. A data de entaipamento deste vão é anterior à do actual reboco do interior da ábside.

A separação dos dois corpos desta pequena igreja é marcada por um arco chanfrado cuja reformulação é evidente. O facto de em grande parte ser constituído por tijoleiras com os cantos exteriores cortados poderá levar a pensar que a sua feitura date dos finais da Idade Média ou mesmo dos sécs. XVI-XVII, com reformulação ainda mais recente.

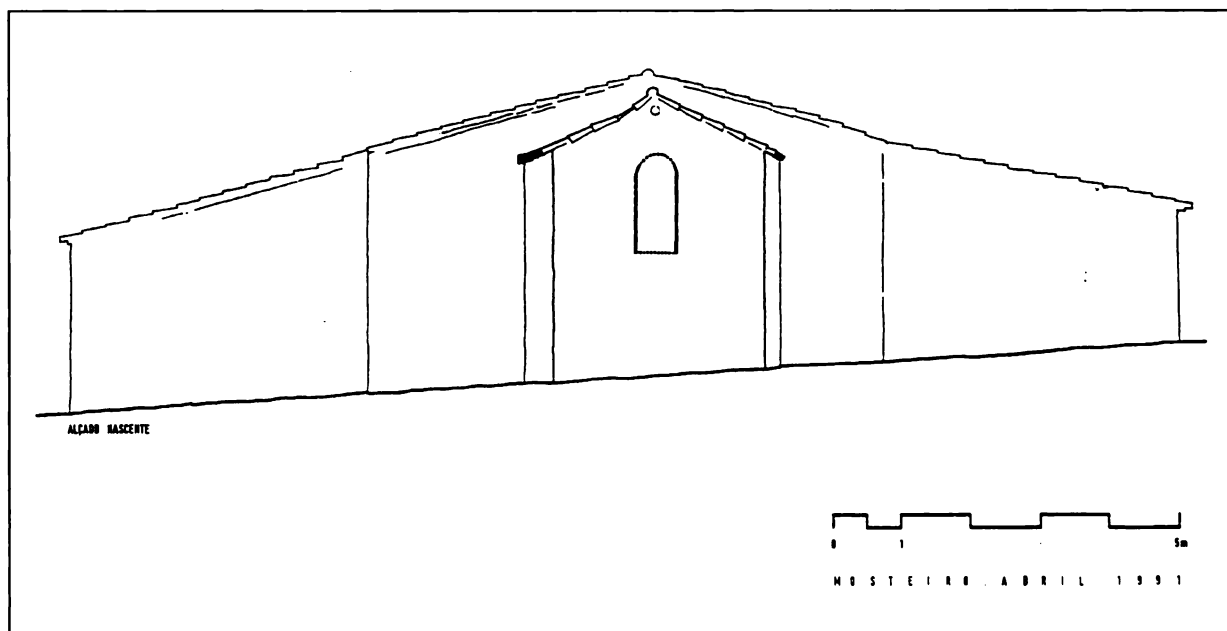
Lateralmente, foram acrescentados, na continuidade das paredes da *ecclesia*, e com uma preocupação de simetria, dois outros espaços, nos quais a taipa surge como principal técnica construtiva. O anexo do lado Norte, funcionando actualmente como alpendre para um carro de mula, revela ainda no solo alicerces de disposição antiga.



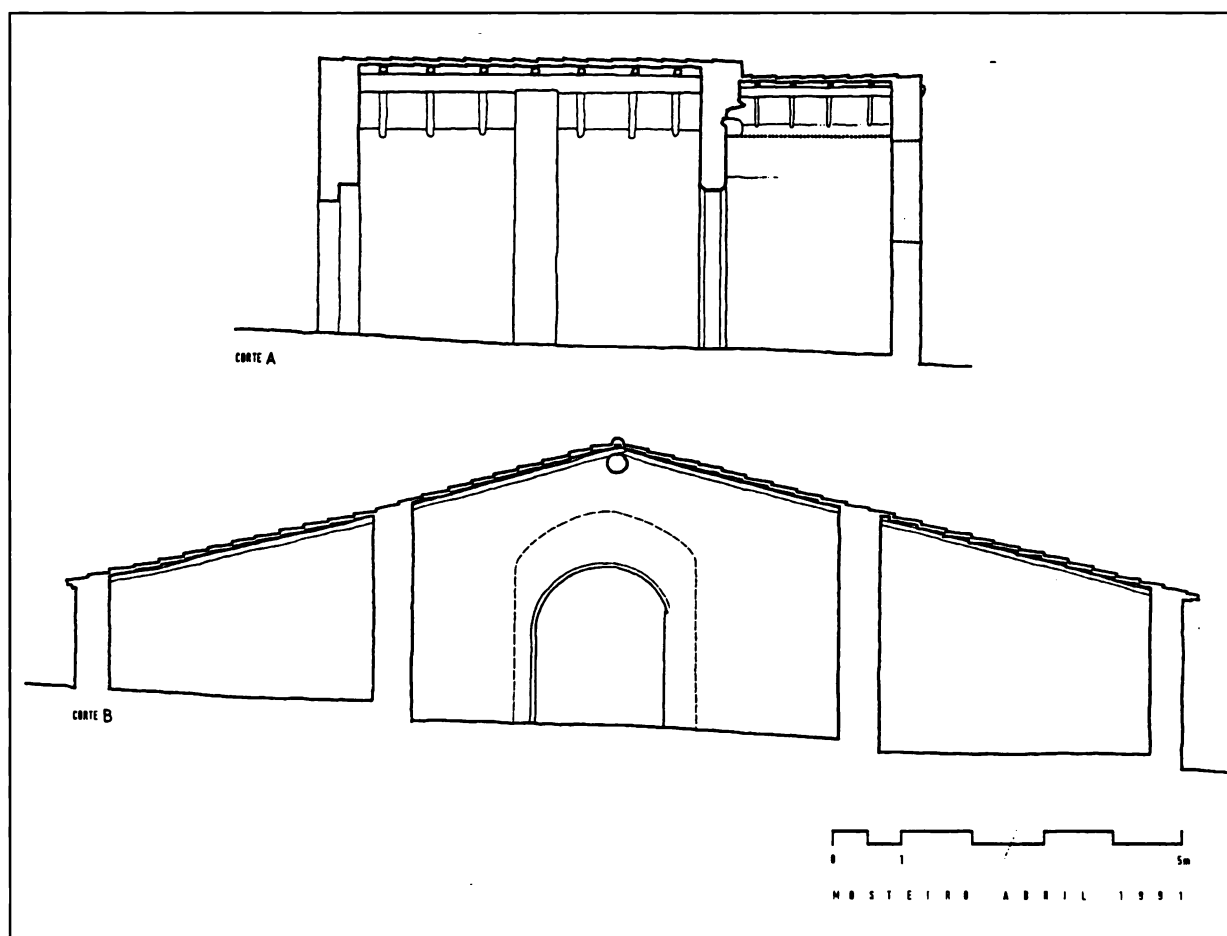
6. Monte do Mosteiro. Planta da igreja e anexos.



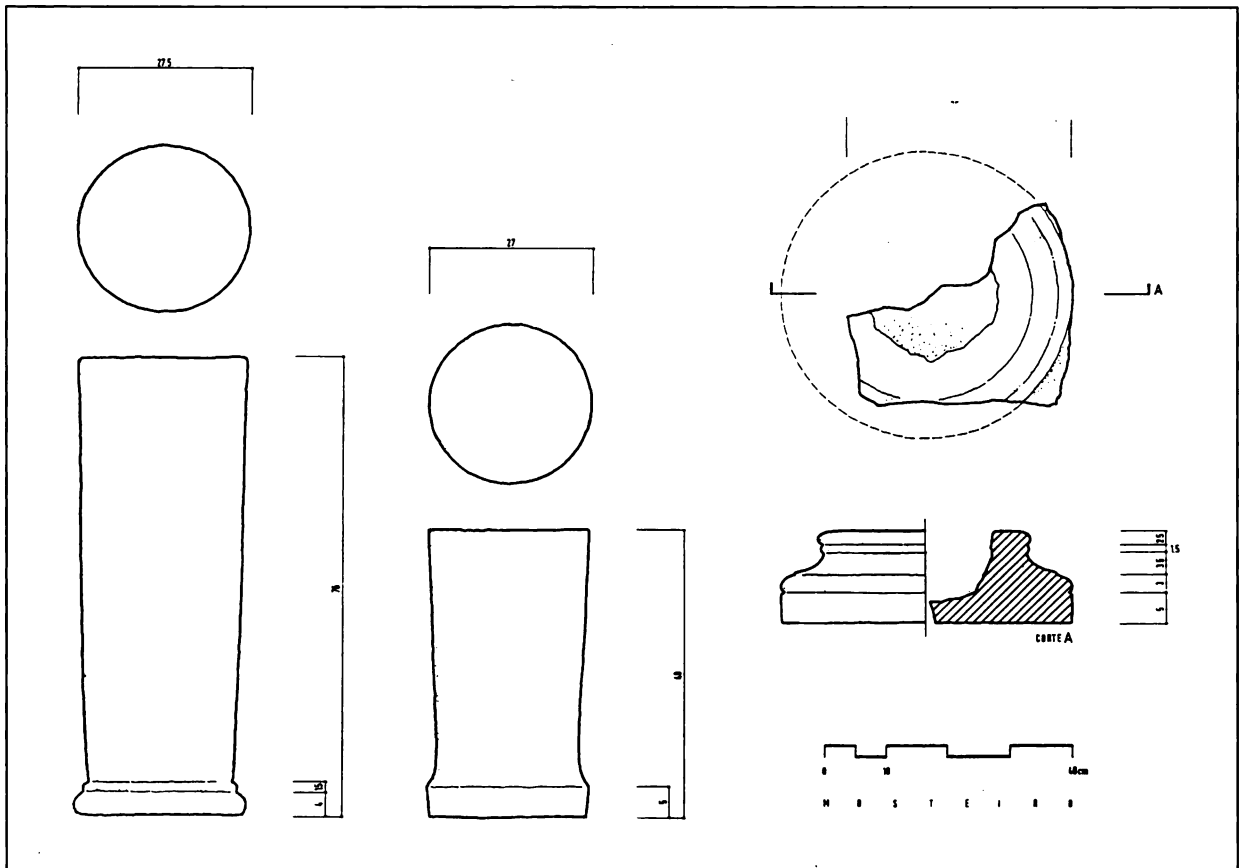
7. Monte do Mosteiro. Alçado da parte poente da igreja e anexos.



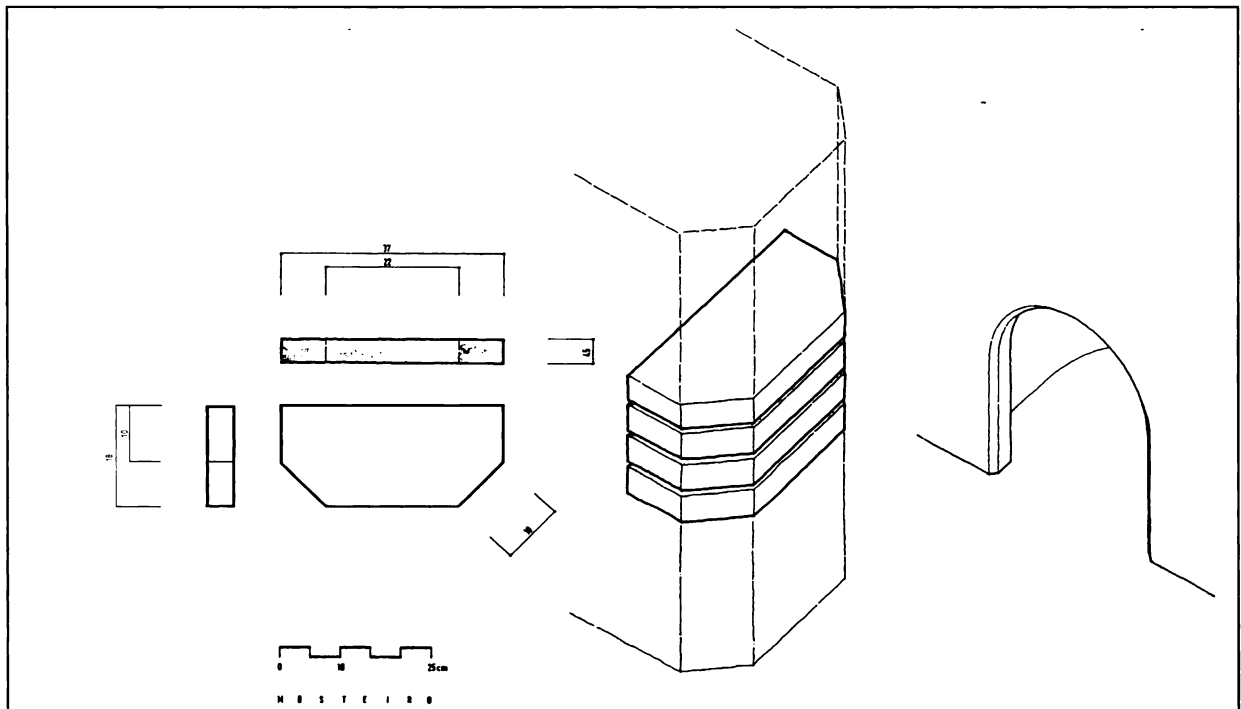
8. Monte do Mosteiro. Alçado da parte Nascente.



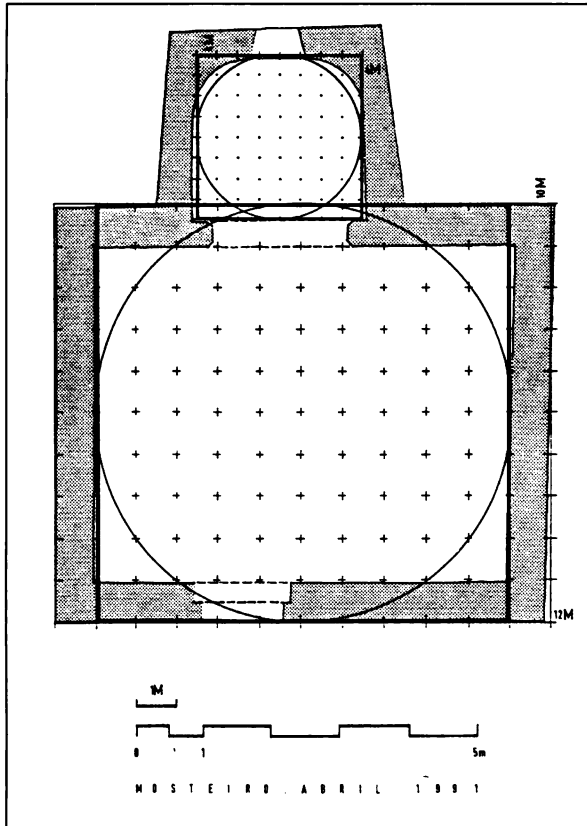
9. Monte do Mosteiro. Cortes A e B sobre a planta nº. 6.



10. Monte do Mosteiro. Troço de colunas e base de coluna.



11. Monte do Mosteiro. Arco chanfrado e tijoleiras que o constituem.



12. Monte do Mosteiro. Procura de modulações.

Nos muros de alvenaria que delimitam o rossio do monte encontram-se restos de *tegullae* e de *lateres*. Solta, junto a um forno, um troço de coluna. Vários outros metidos de topo nas paredes. Uma base de coluna transformada em pia. Estes materiais arquitectónicos são em mármore de Trigaches (Beja).

Apresentamos o levantamento actualmente possível da *ecclesia* e dos seus espaços anexos, bem como dos materiais que se encontram soltos no local. Uma leitura mais profunda passará necessariamente por novas etapas de investigação.